

O PROJETO TERRANOVA - COLONIZAÇÃO RECENTE NA FRONTEIRA AMAZÔNICA

THE TERRANOVA PROJECT – RECENT COLONIZATION ON THE AMAZON FRONTIER

Maria Arlinda da Silva¹

Resumo: O presente artigo analisa a descoberta do garimpo no espaço destinado a colonização do Projeto Terranova em Mato Grosso. Nos objetivamos a problematizar os impactos da chegada de garimpeiros em Terranova. Utilizamos tanto a literatura sobre a temática, como relatos orais, fotos, jornais e documentos oficiais. A metodologia foi o confronto dos relatos orais, fotos, jornais com documentos oficiais. O garimpo permaneceu em área destinada à colonização e a colonizadora modificou o projeto.

Palavras-chave: Amazônia, colonização, garimpo

Abstract: This article analyzes the discovery of mining in the space destined for the colonization of the Terranova Project in Mato Grosso. We aim to discuss the impacts of the arrival of miners in Terranova. We use both the literature on the subject, as oral reports, photos, newspapers and official documents. The methodology was compared to oral reports, photos, newspapers with official documents. The mining remained in an area destined for colonization and the colonizer modified the project.

Keywords: Amazon, colonization, mining

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A política de colonização no Brasil foi pautada em uma ideologia de ocupação dos vazios demográficos que deveriam ser incorporados ao mercado capitalista, tanto nacional, como internacional.² Com a Ditadura Militar (1964 a 1985) o governo investiu no discurso do progresso, de unidade nacional e de um “Brasil Potência”, para justificar a aliança com o capital e o domínio de seu

¹ Graduada em História (Licenciatura) pela Universidade Paranaense – UNIPAR; Mestra em História pela Universidade Federal de Mato Grosso, Doutoranda no curso de Pós-graduação em História na Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT. Professora da Educação Básica do Estado de Mato Grosso e professora na Faculdade de Ciências e Tecnologia - INVEST. E-mail: mariaarlinda@gmail.com

² OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino. **Amazônia revelada:** os descaminhos ao longo da BR-163. Brasília: CNPq, 2005.

vasto território de forma manipuladora e autoritária.³ Portanto, o Governo Federal utilizou a colonização como estratégia para a exploração econômica das terras na Amazônia e para a reocupação⁴ por novos agentes históricos, de forma dirigida e controlada para ocupar os espaços com pouca densidade populacional.

Segundo Becker⁵, foram construídas várias imagens externas em relação à Amazônia Brasileira. Tal espaço foi classificado como: “Inferno verde”, “Eldorado” e “Paraíso Perdido”. Isso porque foi visto por diferentes prismas pelos atores sociais que estiveram envolvidos no processo de ocupação desse espaço.

Houve um rápido movimento de apropriação da Amazônia, já que é um espaço de imensas proporções territoriais e muita riqueza. Em consequência a esse rápido processo de ocupação, houve violentos conflitos por interesses antagônicos da terra. A ocupação da Amazônia, “a partir da colonização se fez sempre em surtos devassadores, vinculados à expansão capitalista mundial.”⁶

O primeiro devassamento foi em busca de “drogas do sertão” que seriam usadas como condimentos e para atender a indústria farmacêutica da Europa; outro devassamento significativo foi no século XIX e início do século XX com o “ciclo da borracha”, para atender a demanda da indústria dos Estados Unidos e Europa. A partir de 1920 e 1930 iniciam-se as frentes pioneiras espontâneas agropecuárias e minerais, oriundas do Nordeste e que se intensificaram nas décadas de 1950 e 1960. Por fim, a partir de 1970, o Estado brasileiro, sob o governo militar, toma para si a missão de um novo devassamento na Amazônia, onde o Governo se alia a corporações nacionais e internacionais, o que se faz com quase total exclusão social, tanto em questões políticas como econômicas.

Sobre tal fato, Becker faz o seguinte apontamento:

A ocupação da Amazônia, se torna prioridade máxima após o golpe de 1964, quando, fundamentado na doutrina de segurança nacional, o objetivo básico do governo militar torna-se a implantação de um projeto de modernização nacional, acelerando

³ FIALHO, Átila Rezende; TREVISAN, Ricardo. Ocupar, colonizar, urbanizar a Amazônia Legal (1970-80): ações oficiais e privadas na criação de núcleos urbanos. In: **Anais XVIII - ENANPUR**, Natal, 2019.

⁴ Usaremos aqui o conceito de reocupação com base no referencial teórico JOANONI NETO, Vitale e GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. A Amazônia e a política de Integração Nacional: o discurso da modernização entre o passado e o presente. **Diálogos Latinoamericanos**, v. 26, p. 144-156, 2017, que nos traz a discussão sobre a Amazônia, mesmo com um contingente populacional pequeno em relação ao espaço, já estava ocupado nas décadas de 1940, 1960 e 1970, por diversos grupos sociais como indígenas, garimpeiros, posseiros, entre outros. Nesse espaço temporal foi criado incentivo para direcionar a migração de agentes históricos de diferentes regiões do Brasil para a Amazônia. Em especial região Sul e Sudeste e região Nordeste. Isso para ressaltar que os respectivos governos das décadas supracitados, Getúlio Vargas e Governos Militares, que se referiam a essa região como “espaços vazios”, desconsiderando os povos que lá estavam.

⁵ BECKER, Bertha K. **Amazônia**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

⁶ BECKER, 1990. p.11.

uma radical reestruturação do país, incluindo a redistribuição territorial de investimento de mão de obra, sob forte controle social.⁷

Nesse sentido, a Amazônia se torna prioritária, tanto em aspectos econômicos como geopolíticos, de ordem interna e externa. Interna, serviria como estratégia para desmobilizar as tensões sociais no Nordeste do país e dar continuidade ao desenvolvimento da região Sudeste, abrindo possibilidades de novos investimentos; externa, seria “proteger” a imensa região contra a organização de focos revolucionários.⁸

Elementos pensados por Becker nos auxiliaram a compreender a Amazônia como um espaço de múltiplos interesses e diferentes representações para aqueles que para lá migram. Sendo assim, a Amazônia também serviu para implantar em 1978, o Projeto Terranova, na região norte de Mato Grosso.

O presente artigo propôs-se a responder o seguinte questionamento: O surgimento do garimpo – (Baixão Velho – que mais tarde deu origem a cidade de Peixoto de Azevedo) em área do Projeto Terranova, gerou consequências para a colonização?

A implantação dos projetos de colonização levou à abertura de estradas⁹ e rodovias de acesso, sendo as principais a Cuiabá-Santarém (BR-163), a Cuiabá-Porto Velho, e a Barra do Garças - Vila Rica, no Araguaia. O governo estadual e os municípios abriram as estradas interligando os projetos de colonização com as rodovias principais (federais). A região norte de Mato Grosso foi alvo de grandes projetos de colonização agropecuários, tanto privado como público, porém, em algumas áreas de colonização os migrantes descobriram ouro de aluvião, atraindo agricultores e garimpeiros para aquelas áreas, promovendo uma retomada dos garimpos no final da década de 1970.

Ao pesquisar sobre colonização recente e garimpo, achamos fundamental compreender conceitos sobre Amazônia, colonização, fronteira, fontes orais, fontes imagéticas, garimpo. Para isso, procuramos dialogar com alguns autores tais como: José de Souza Martins (2009), Regina Beatriz

⁷ BECKER, 1990. p.12.

⁸ Na época começaram a circular rumores a respeito de um grupo de “guerrilheiros” que atuava ao norte do estado de Goiás e ao sul do Pará: tratava-se da “Guerrilha do Araguaia”, operação lançada por cerca de uns duzentos militantes do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) um partido de orientação maoísta. A repressão por parte do Exército foi violenta e mantida em segredo. Pesadas operações militares foram desencadeadas contra os militantes, provocando a morte de grande parte deles no confronto. Parece que esse levante, segundo a análise de IANNI, serviu de pretexto para mobilizar o regime militar na concretização dos projetos de colonização na Amazônia o mais depressa possível. SANTOS, 1993, p. 51.

⁹ O Código de Trânsito do Brasil define *estrada* como uma “via rural não pavimentada”, sejam de terra, cascalho ou areia e a velocidade máxima nesse tipo de via é de 60 km/h. Ao contrário de uma rodovia, que seria pavimentada. Por outro lado, a estrada distingue-se de um simples *caminho*, pois é concebida para a circulação de veículos de transporte.

<https://www.tecfil.com.br/quais-sao-os-tipos-de-vias-que-existem-no-brasil/>

Guimarães Neto (2002/2017), José Vicente Tavares Santos (1993), Becker (1990), Vitale Joanoni Neto, (2007/2017), Peter Burke (1992), Paul Thompson (2002), Jocy Gonçalo de Miranda (1997), Castro et al (1994) entre outros.

As fontes orais também foram fundamentais para nos auxiliar no processo de investigação durante a pesquisa. Principalmente em relação às cidades que “nasceram” da atividade garimpeira. Isso porque elas guardam poucos registros de sua história, e algumas não têm sequer registros escritos. Para Thompson,¹⁰ existem forças e potencialidades especiais para quem trabalha com história oral, sendo elas: vozes ocultas, esferas ocultas, tradições orais e conexões através das vidas.

As recordações não são simples exposição da memória, porém um rememorar do tempo descontínuo que ajuda o historiador a decifrar, revelar, reconstruir, possibilitando, como um portal, a passagem de um tempo a outro capaz de promover a atualização do passado no presente. Todo o rememorar produz signos que têm o poder de revelação, opondo-se à história dos grandes feitos e trazendo à tona uma nova construção.¹¹ Nesse sentido, as fontes orais contribuíram para responder várias lacunas existentes no processo de ocupação de Peixoto de Azevedo e compreensão das implicações para o Projeto Terranova.

O PROJETO TERRANOVA

Até 1978 prevaleceram em Mato Grosso, os projetos privados de colonização dos setores agropecuário e mineral, isso devido a incentivos e linhas de créditos oferecidos pelo Governo Federal. Principalmente às margens da BR-163 (Cuiabá/Santarém), se destacaram “Integração, Desenvolvimento e Colonização Ltda” (INDECO) e “Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná” (SINOP), sob domínio dos colonizadores que “se assemelhavam a barões feudais, fiéis, contudo, ao Governo Federal.”¹² Essas colonizadoras comercializavam lotes de 50, 60 ou 100 hectares e exerciam o poder local. A campanha publicitária¹³ utilizada pelas colonizadoras foi intensa para atrair pequenos e médios produtores rurais para investirem nas “novas terras”. Entretanto, os pontos negativos não eram expostos aos interessados em migrar para a área de colonização. Ao Instituto Nacional de

¹⁰ THOMPSON, Paul. História oral e contemporaneidade. In: **História Oral**, v. 5, 2002, p. 9-28. Disponível em: <<http://revista.historiaoral.org.br/>> Acesso em: 08 de março de 2021.

¹¹ BURKE, Peter. **A escrita da história**. São Paulo: Unesp, 1992. apud THOMPSON, 1978.

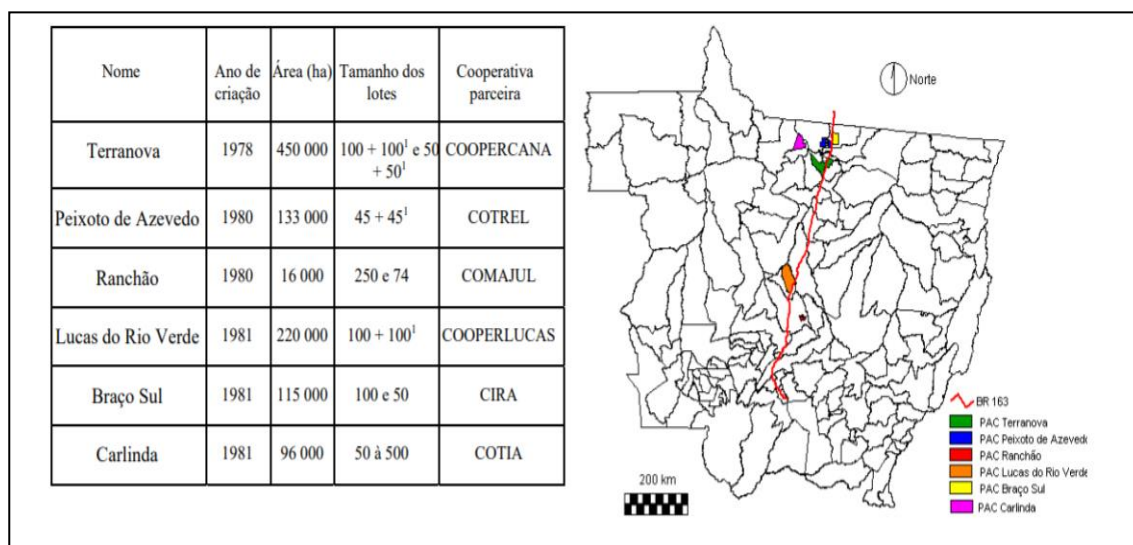
¹² BECKER, 1990, p. 37

¹³ SOUZA, Edison Antônio de. **Sinop: História, Imagens e Relatos**. Um estudo sobre a sua colonização. Cuiabá: EdUFMT, 2004.

Colonização e Reforma Agrária (INCRA) caberia apenas fiscalizar tais projetos. No entanto, dois principais fatores foram decisivos para a mudança desse cenário: A disponibilidade de terras da União na região norte de Mato Grosso e pressões sociais geradas por conflitos agrários no Sul do Brasil.

Sendo assim, foram criados os Projetos de Assentamento Conjunto (PACs) uma parceria entre o INCRA e Cooperativas. “Nestes projetos seriam somadas às experiências e recursos do órgão colonizador oficial (INCRA) e da iniciativa privada (Cooperativas)”¹⁴. Os objetivos dessa parceria eram: propiciar ao colono o acesso à terra através do crédito fundiário, bem como proporcionar condições mínimas necessárias para que o colono pudesse produzir e manter as condições de subsistência da família; conter as tensões sociais na região Sul do Brasil; acelerar o processo de desocupação de áreas indígenas, tanto no Sul quanto em Mato Grosso; ordenar o fluxo migratório. Conforme mostra figura 1.

Figura 1: Imagem e tabela com localização, nomes e especificações dos PACs (2005)



Fonte: NÉDÉLEC, *et al* (2005).¹⁵

O mapa apresentado na figura 1 mostra a localização dos PACs: Terranova; Peixoto de Azevedo; Ranchão; Lucas do Rio Verde; Braço Sul e Carlinda. Todos implantados ao longo da BR-163, com características semelhantes, porém cada um com suas especificidades. Nos ateremos ao PAC – Terranova foco de discussão neste artigo.

¹⁴ CASTRO, Sueli Pereira. *et al.* **A colonização oficial em Mato Grosso: A nata e a borra da sociedade.** Cuiabá: EdUFMT, 1994, p. 78

¹⁵ NÉDÉLEC, Vincent *et al.* Evolução da ocupação do solo nos Projetos de Assentamento Conjunto (PAC) no Mato Grosso. In: **Anais XII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto**, Goiânia, p. 643-645, 2005.

Tal iniciativa foi necessária devido à falta de recursos financeiros por parte do Governo Federal e à falta de credibilidade perante ao colono devido às falhas de projetos oficiais realizados em outros estados. No final da década de 1960 aumentavam os movimentos de agricultores rurais que reivindicavam junto ao poder público uma reforma agrária no Sul do Brasil e que se opunham a migrarem para áreas distantes, principalmente a Amazônia. Os que regressaram de outros projetos de colonização dirigida, tanto privado como oficial, com experiências dolorosas, fortaleciam tal resistência em partir¹⁶. Além dos agricultores, outros grupos fortaleciam o movimento tais como: trabalhadores desapropriados por construções de barragens, sem-terra e filhos de pequenos produtores rurais que se associavam em cooperativas ou que haviam se tornado proletários devido à mecanização da agricultura e pelo monopólio das agroindústrias.¹⁷

Aos poucos as pressões sobre os governos (estadual e federal) foram ficando mais intensas. Contudo o governo, através do INCRA, buscou alternativas para os novos direcionamentos, contando com a participação das cooperativas para fazer esse convencimento para direcionar esses fluxos de resistência para a região amazônica e ao mesmo tempo evitar uma reestruturação fundiária no Sul do país, com a execução de uma reforma agrária local. As cooperativas desempenhariam o papel de mediadoras para mobilizar pequenos proprietários rurais, meeiros e parceiros a migrarem para o norte de Mato Grosso e dar legitimidade ao poder público. “Desta aliança o poder público emergiu ainda mais fortalecido ao fazer com que a cooperativa se tornasse coparticipante de um governo que não mais conseguia legitimar-se.”¹⁸

Esta seria uma nova forma de colonização baseada na divisão de tarefas e custos, que se beneficiou da experiência considerada bem-sucedida das colonizadoras particulares, principalmente em Mato Grosso, com redução de custos dos projetos para o poder público.

O projeto Terranova foi o primeiro projeto de colonização oficial em Mato Grosso, em 1978. Com a expulsão dos pequenos agricultores das reservas indígenas dos Kaingang¹⁹, de Nonoai e Guarita, Tenente Portela, no Rio Grande do Sul, o Governo Federal buscou solucionar os problemas dos colonos do Sul do país, dirigindo-os para o extremo norte mato-grossense às margens da BR-163 (rodovia Cuiabá-Santarém), em áreas devolutas pertencentes à União. Os objetivos principais do

¹⁶ CASTRO, et al, 1994, p.51.

¹⁷ CASTRO, et al, 1994, p.54.

¹⁸ CASTRO, et al, 1994, p.53.

¹⁹ Para maiores informações sobre este assunto consultar BRAGA, Danilo. *A História dos Kaingang na luta pela terra no Rio Grande do Sul: do silêncio, à reação, a reconquista e a volta para casa (1940-2002)*. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, 2015.

Projeto Terranova eram agilizar a desocupação de terras indígenas no Rio Grande do Sul e aliviar as tensões sociais, já que, principalmente nos estados do Sul do país, havia uma forte manifestação por parte de pequenos produtores rurais, que exigiam uma reforma agrária. Portanto, com base em tais reivindicações, “o Projeto de Colonização Terranova, foi caracterizado pelos Ministros do Interior, Rangel Reis e da Agricultura, Alysson Pautinelli, como sendo um Projeto de Reforma Agrária.”²⁰

Para os agricultores expulsos das reservas indígenas foi uma situação muito difícil. Alguns conseguiram abrigo em casa de parentes, porém, em sua maioria não tinham para onde ir. “[...] Eles ficaram acampados na beira da estrada, o inverno chegando, era uma situação muito dramática”²¹. Até que foram transferidos para o Parque de Exposições Assis Brasil em Esteio/RS, onde permaneceram por mais de um mês acampados até a transferência das primeiras famílias para o Projeto Terranova.

Diante da situação conflituosa que se estabeleceu, o Governo Federal convocou a cooperativa para elaborar o projeto de assentamento:

O Ministério do Interior convocou, em fins de maio, a COOPERCANA, para elaborar um programa de colonização na Amazônia, a fim de aí assentar os camponeses expulsos. Apelava para a experiência de seus dirigentes, responsáveis pela transferência de colonos do Rio Grande do Sul para o Programa Altamira, na Transamazônica, e depois pela implantação do programa Canarana.²²

A cooperativa foi convidada pelo então Ministro do Interior, Maurício Rangel Reis, para participar do programa considerado emergencial, de reassentamento dos agricultores expulsos das reservas indígenas no Rio Grande do Sul. A Cooperativa Agropecuária Mista Canarana – COOPERCANA, foi fundada em 07 de julho de 1975, na cidade de Não-Me-Toque/RS. Seus fundadores foram os futuros moradores de Água Boa em Mato Grosso. No entanto, a cooperativa foi registrada com sede em Água Boa/MT, na época só existia nos planos de colonização²³.

Em entrevistas foi manifestada a impressão sobre o colonizador como pessoa experiente e responsável:

²⁰ Nadja Maria. [Reportagem] **Incra distribui terra em Mato Grosso**. Correio Braziliense. Brasília, 07/09/1978.

²¹ PROFISSIONAL LIBERAL 1. [Relato Oral]. **Entrevista realizada pela autora, Cuiabá, 23/10/2020**.

²² SANTOS, José Vicente Tavares dos. **Matuchos: exclusão e luta**. Do Sul para a Amazônia. Petrópolis: Vozes, 1993, p. 118.

²³ SCHWANTES, Norberto. **Uma Cruz em Terranova**. São Paulo: Scritta Oficina, 1989, p. 127.

[...] Norberto Schwantes era um colonizador que trouxe muitas famílias, talvez até milhares de famílias para Mato Grosso. Então seria a pessoa indicada para pegar os colonos do Sul e trazer para alguma área de Mato Grosso ²⁴.

[...] Barra do Garças, Água Boa, Canarana, Nova Xavantina, aquele lugar ali, foi o Norberto quem colonizou tudo lá, como ele tinha experiência e ele foi lá me convidar, eu topei ²⁵.

Ao analisar os relatos, percebeu-se que a experiência de Norberto Schwantes com a colonização até 1978, considerada bem-sucedida, foi um fator decisivo para que a Coopercana, da qual ele era presidente, fosse chamada para a execução do projeto de colonização para reassentar os colonos expulsos das áreas indígenas do Sul do Brasil.

A execução e administração do projeto ficariam a cargo da COOPERCANA. As terras da União seriam transferidas para a cooperativa que as venderia aos colonos através de crédito fundiário²⁶. Caberia à cooperativa a responsabilidade de implantar o projeto, transferir os colonos do Sul para o Projeto Terranova em Mato Grosso e venda dos lotes.²⁷ Ao Conselho de Segurança Nacional²⁸, órgão do governo, caberia conduzir as negociações.

O PROJETO URBANO DE TERRANOVA E O GARIMPO COMO ELEMENTO NÃO PREVISTO

Quase no final do ano de 1978 a Coopercana começou a se preocupar com a formação do núcleo urbano de Terranova, que seria erguido às margens da rodovia Cuiabá-Santarém (BR-163), a poucos quilômetros da margem esquerda do rio Peixoto de Azevedo. Seria o centro de apoio, não só institucional para os colonos, mas o apoio estrutural como hospital, supermercado, comércio, entre

²⁴ PROFISSIONAL LIBERAL 1. [Relato Oral]. **Entrevista realizada pela autora, Cuiabá, 23/10/2020.**

²⁵ COLONO 2. [Relato Oral]. **Entrevista realizada pela autora, Terra Nova do Norte/MT, 28/05/2020.**

²⁶ Esse acordo estabelecido e assinado pelo presidente da República (Geisel) em 1978 foi alterado em novembro de 1978 sob a interferência do Conselho de Segurança Nacional. As terras públicas não foram transferidas para a Coopercana, conforme acordado inicialmente. As terras ficaram sob responsabilidade do INCRA, o qual ficou encarregado em titular as terras aos agricultores e a cooperativa passou a condição apenas de concessionária. Foi firmado o contrato de concessão em 16 de janeiro de 1979. Questões que pesquiso em minha tese de doutorado e trato com detalhes sobre essa problemática.

²⁷ CASTRO et al, 1994.

²⁸ Seu objetivo seria estudar todas as questões referentes à segurança nacional e regular a concessão de terras ou de vias de comunicação, bem como o estabelecimento de indústrias, dentro de uma faixa de cem quilômetros ao longo das fronteiras. [CONSELHO DE SEGURANÇA NACIONAL \(CSN\) | CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil](#)

outros. A cidade já era prevista, mas pela urgência do assentamento para receber os colonos, a primeira preocupação foi para com as agrovilas²⁹. A cidade ficou para depois.

É importante refletirmos que além da representação da cidade como suporte estrutural aos colonos recém-chegados do Sul, a mensagem ideológica lançada pelo governo militar à população brasileira nesse período, era a representação do “espírito bandeirante”, do “semeador de cidades”, do “desbravador dos sertões”, que supera todas as dificuldades. Associado a essa imagem, estava o brasileiro que conquistava territórios e dava ao Brasil sua maior riqueza: o alargamento de suas fronteiras³⁰, e a consolidação dessa fronteira através da urbanização. Portanto, era um “dever” da colonizadora colocar em prática esse projeto urbano.

O projeto urbano de Terranova foi elaborado pelo arquiteto alemão Joachim Dirr, que buscou inspiração no modelo das aldeias dos Xavante, sendo adaptado para o Projeto Terranova, localizado em uma região de floresta amazônica.

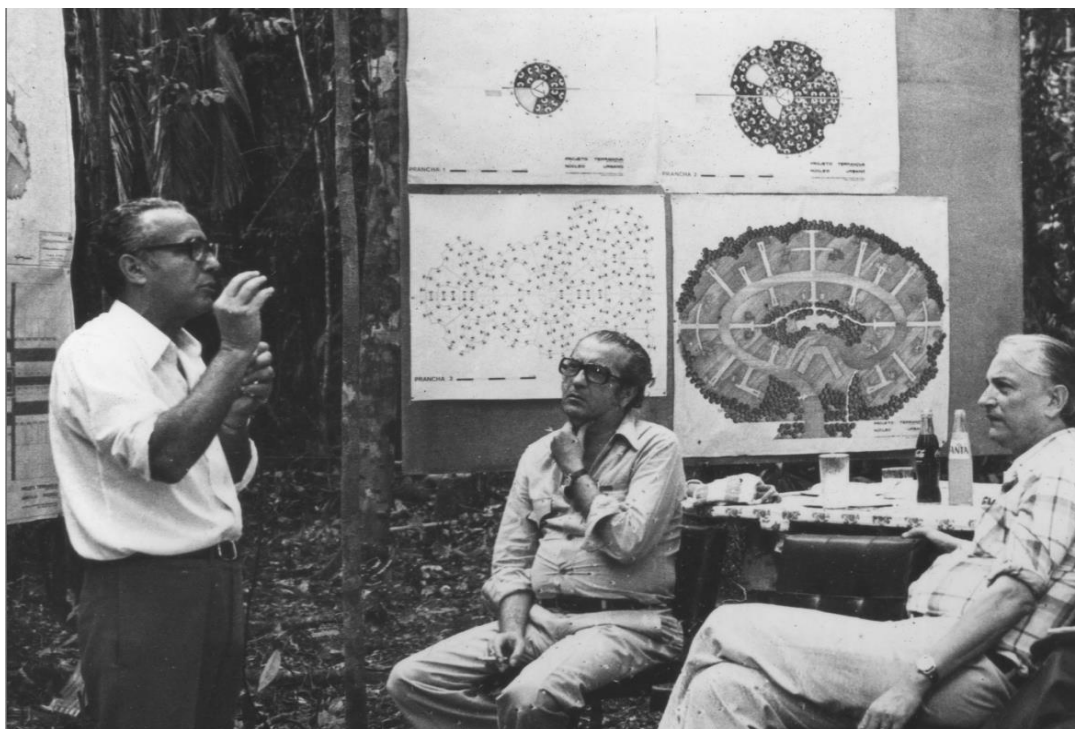
A figura 2 nos mostra que o fato reuniu agentes históricos envolvidos na construção da inovadora cidade ecológica de Terranova, com capacidade para até um milhão de habitantes, que seriam instalados na proporção da demanda, nos módulos que a futura administração municipal iria construindo.³¹ Em pé o Coronel Meirelles expondo o projeto ao governador do estado de Mato Grosso, Cássio Leite Barros, sentado à direita e sentado ao meio Sérgio Ludovico Bertoni – coautor do Projeto Terranova e diretor técnico da Coopercana.

²⁹ O Projeto de Assentamento Terranova foi projetado com o modelo de Agrovilas. Cada agrovila era formada por um agrupamento de 100 chácaras, com um centro de atendimento comunitário ao meio dessas chácaras, contendo igreja, mercado, açougue, salão de festas. Essas chácaras também teria a função de promover a subsistência diária dos colonos. Esse conjunto de chácaras promoveria o convívio num mesmo espaço. Norberto Schwantes, presidente da cooperativa Coopercana, achou que essa seria a melhor forma de organização dos colonos, pois evitaria a dispersão dos mesmos pelas matas, já que estava se pensando um projeto de assentamento em plena mata amazônica, e os surtos de malária e estariam próximo de um centro de atendimento comunitário que ficaria ao meio dos lotes rurais, o que lhes daria suporte.

³⁰ GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **A lenda do ouro verde**: política de colonização no Brasil contemporâneo. Cuiabá: UNICEN, 2002, p.83.

³¹ Arquivo Comissão Pastoral da Terra – Imprensa e documentos. Jornal O Estado de São Paulo, 29 de abril de 1979, Canarana aponta concorrência das empresas.

Figura 2 - Apresentação do Projeto Urbano de Terranova (1978)



Fonte: Jane Goularte. Arquivo particular.

O projeto teria as seguintes características: “com células do tipo “feijão”³², que lembram muito a forma de aldeias indígenas da Amazônia e pretendia manter uma porcentagem de áreas com matas superiores às ocupadas com construções”³³. A localização dessa cidade seria no entroncamento da BR-163 (Cuiabá-Santarém) com a BR-80.

O núcleo urbano planejado para a cidade de Terranova não seria tradicional, com quadra ou quarteirões simétricos, que caracterizam os projetos urbanos até então conhecidos. “Era um projeto que respeitava a ecologia e se preocupava com as famílias.”³⁴ explica o coronel Meirelles.

Era uma coisa diferente do que se conhecia até então. Mas era um sistema viário em círculos. Então esses anéis, esses círculos tinham cada um três ou quatro quilômetros, tinha outro círculo, mais pra fora e assim por diante. Que seria o sistema viário principal. Ao longo dessas avenidas, dessas ruas, haveria um “feijão”, assim chamado por nós pela própria forma. Seria um bairro, que teria a forma de uma elipse. Assim então sairia desse sistema viário e entraria nessa elipse e ali ficariam os terrenos de cada um, mercado, escola, maternal, posto de saúde. Seria uma agrovila mais urbana, mais pra fins urbanos e entre um feijão e outro seria mantido o verde. No caso do cerrado seria intocado e no nosso caso, a floresta amazônica que é mata pesada, uma

³² Era a base da estrutura do bairro urbano que, por ter uma forma elíptica, recebeu o nome de “feijão” por se assemelhar a um grão de feijão. Lembravam também a forma das aldeias indígenas da Amazônia.

³³ MEIRELLES. José. [Relato]. In: Jornal Folha de São Paulo. [Reportagem]. **Terranova tenta substituir Nonoi. Ao norte de MT lavradores expulsos do Sul implantam um novo projeto cooperativista.** 14/04/1979.

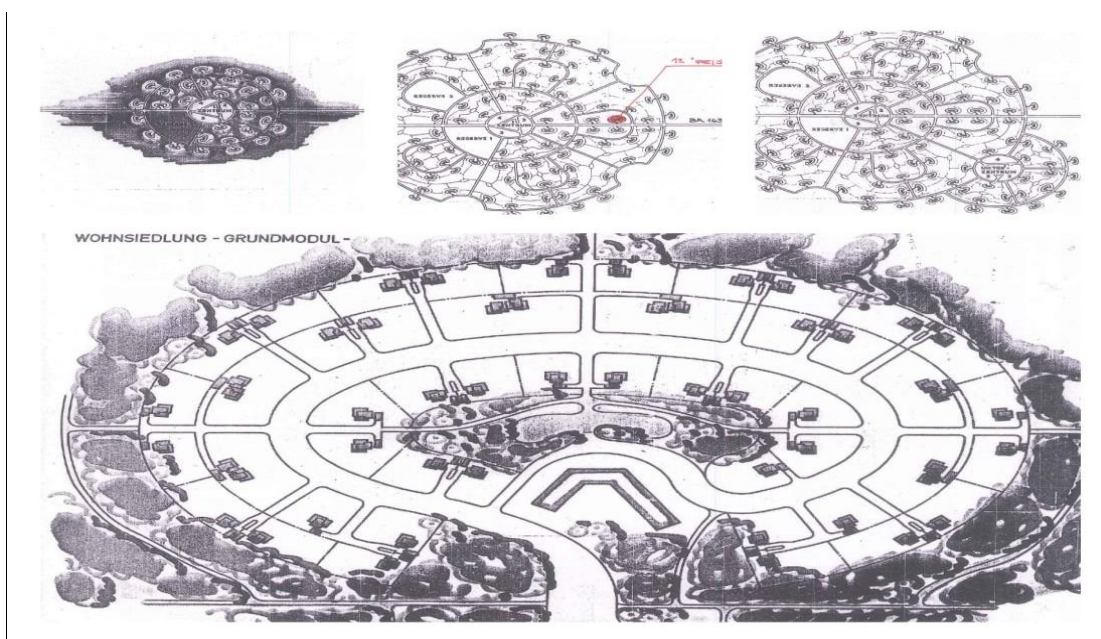
³⁴ Idem.

mata alta de 40 metros de altura em média. Uma coisa muito interessante, bacana...um bairro onde teria umas 50, 60 casas no meio do mato.³⁵

A proposta conforme aponta o relato seria a formação de uma cidade construída no meio da floresta amazônica, na qual se manteria a vegetação original. Além da valorização e preservação do ambiente natural, também manteria viva nos colonos a representação de “terra da riqueza”, “terra da fartura”, “terra prometida” idealizada por muitos dos que vieram para Mato Grosso. Essa crença se fazia necessária devido às grandes dificuldades enfrentadas pelos colonos no Sul. Principalmente as dificuldades financeiras devido ao problema de acesso à terra.

A figura 3 mostra como foi pensado esse projeto urbanístico para o projeto Terranova. A partir do primeiro “feijão” e depois sua ampliação com a construção de outros bairros.

Figura 3 – Projeto urbanístico alemão (1978)



Fonte: Pedro

Kirst, arquivo particular.

Para a construção da cidade de Terranova, pensou-se na criação de dois setores: um centro principal, com característica residencial e comercial, que ficaria localizado do rio Peixoto de Azevedo ao sul da área do Projeto Terranova e ao norte do rio Peixoto de Azevedo, mais precisamente entre o entroncamento da O80 com a BR-163, seria a parte industrial da cidade. “[...] A parte pesada, a

³⁵ PROFISSIONAL LIBERAL 1. [Relato Oral]. Entrevista realizada pela autora, Cuiabá, 23/10/2020.

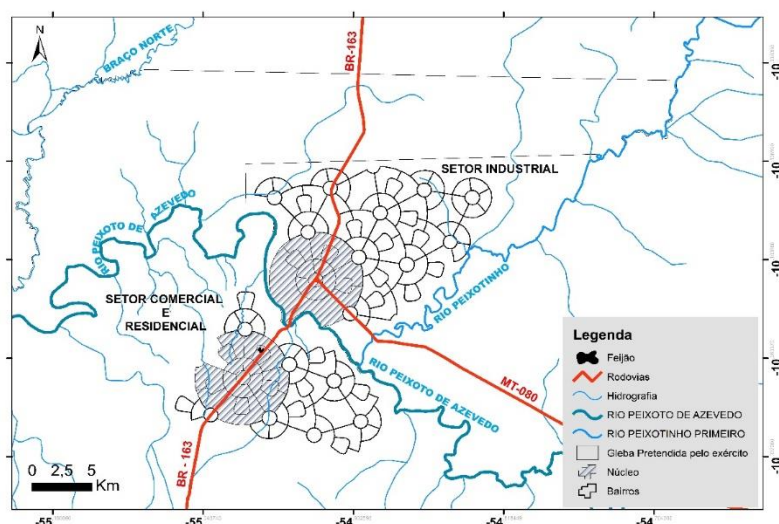
parte de indústria, de depósitos de transporte pesado, justamente por causa da rodovia, dessa MT que ligaria a 158.”³⁶

Essa área, ao norte do rio Peixoto de Azevedo, não pertencia ao projeto Terranova, pertencia a Ermínio Ometto – Agropecuária Cachimbo. Portanto, para tal intenção, foi feita uma proposta ao proprietário de tal área para o planejamento e execução do projeto urbanístico de Terranova.

O coronel Meireles era um dos diretores do Bem-estar Social da Coopercana e procurador do Dr. Ermínio Ometto, proprietário da Agropecuária Cachimbo, portanto bastante próximos. O coronel Meireles também interessado nessa ideia, fomos a São Paulo para conversar com o Dr. Ermínio para que ele cedesse a área ao norte do rio Peixoto, área que fazia parte da fazenda da agropecuária Cachimbo. E ele, uma pessoa também idealista, uma pessoa extremamente culta e sensível a esse tipo de ação... ele aceitou na hora essa nossa proposta e colocou à disposição 4.000 hectares de terra.³⁷

A figura 4 nos apresenta o projeto dos dois setores do centro urbano de Terranova, tendo como marco divisor o rio Peixoto de Azevedo (ao sul, setor principal – comercial e residencial e ao norte, setor industrial). Também nos mostra o projeto cortado pela BR-163 e setor norte localizado no entroncamento da BR-163 e BR-080.

Figura 4 - Setores do centro urbano do Projeto Terranova



Fonte: NASCIMENTO³⁸, Thamara Nayme de A., Arquivo da autora, 2021.

³⁶ PROFISSIONAL LIBERAL 1. [Relato Oral]. Entrevista realizada pela autora, Cuiabá, 23/10/2020.

³⁷ PROFISSIONAL LIBERAL 1. [Relato Oral]. Entrevista realizada pela autora, Cuiabá, 23/10/2020.

³⁸ COOPERCANA. [Mapa] Setores do centro urbano do “Projeto Terranova”. In: Arquivo Pessoal Pedro Kirst, dezembro de 1978.

Com a ideia definida, planejada e com a elaboração do projeto pela Coopercana, iniciou-se a execução do projeto urbano com a abertura do primeiro “feijão”, conforme mostra a figura 5.

Figura 5 – Abertura do primeiro “feijão” – novembro de 1978



Fonte: Pedro Kirst, arquivo particular

As fotos nos mostram a BR-163 ainda não pavimentada e ao seu lado esquerdo o início das atividades para a construção do centro urbano. A abertura do primeiro “feijão” iniciou-se em novembro de 1978, ao sul do rio Peixoto de Azevedo, área do projeto Terranova, conforme já exposto. Em dezembro do mesmo ano as atividades tiveram que ser interrompidas devido ao período de chuva.³⁹

A colonizadora ficou tranquila em relação a área, confiante que ninguém mexeria ou ocuparia. Primeiro porque a terra já apresentava sinal de ocupação e segundo porque estava sendo constantemente fiscalizada pela Coopercana. Portanto, dar-se-ia continuidade ao projeto no ano seguinte, após o período chuvoso. Era impraticável continuar as atividades naquele momento porque

³⁹ PROFISSIONAL LIBERAL 1. [Relato Oral]. Entrevista realizada pela autora, Cuiabá, 23/10/2020.

“aquilo dentro tinha um olho d’água, uma vertente muito grande, que simplesmente se tornou intransitável, inclusive para trator de esteira.”⁴⁰

Pelo menos uma vez por semana um representante da Coopercana sobrevoava a área para fiscalizar e se assegurar que tudo estava bem. Porque se houvesse qualquer vestígio de posseiros, através dos voos se identificaria, já que na maioria das vezes se acende fogo para limpar a área e a fumaça seria vista. Como até meados de dezembro nada tinha ocorrido e a chuva impedia de prosseguir as obras, a colonizadora se sentiu tranquila em deixar para o início do ano de 1979.

Então, já que era fim de ano e a chuva nos impedia de trabalhar, fui para o Sul passar o Natal e quando voltei do Sul, ao invés de ir para Terranova fui para Brasília. Tínhamos um escritório com um técnico lá onde eram elaborados os projetos. Então a gente ia botando o projeto no papel depois que estava no chão. Passei janeiro e fevereiro em Brasília trabalhando nisso e na metade de março eu retornei para Terranova para ver como estava a situação e começar a me organizar para retomar o trabalho.⁴¹

No entanto, quando voltaram para dar prosseguimento ao projeto urbanístico de Terranova, encontraram a abertura de uma “picada” e a construção de alguns barracos próximos à área de abertura do primeiro “feijão”. Conforme mostra a figura 6.

Figura 6 – A presença do garimpo em área da Coopercana (março de 1979)



Fonte: Pedro Kirst, arquivo particular.

⁴⁰ PROFISSIONAL LIBERAL 1. [Relato Oral]. Entrevista realizada pela autora, Cuiabá, 23/10/2020.

⁴¹ Idem.

Como na região norte de Mato Grosso de novembro a abril é um período chuvoso, houve uma enchente muito grande no rio Peixoto de Azevedo cobrindo a ponte e provocando um desbarrancamento na cabeceira sul da ponte, necessitando que o 9º Batalhão de Engenharia e Construção (9º BEC) enviasse militares para fazer o conserto. No período que os militares estavam trabalhando, chegaram os primeiros garimpeiros. Esses garimpeiros tentaram a sorte no rio Peixoto e “fagulhou”, deu “fagulho de ouro”. O entusiasmo foi aumentando e a procura foi se intensificando à medida que estavam obtendo resultado positivo e cada vez mais encontrando ouro. A intenção dos garimpeiros era de ficar por ali, já que estavam encontrando muito ouro e que havia um acampamento do 9º BEC abandonado. Havia sido construído para acolher os militares durante a construção da BR-163 (Cuiabá-Santarém), na década de 1970, conforme apresentado pela figura 7.

Figura 7 - imagem do Rio Peixoto de Azevedo/MT (1979)



Fonte: Pedro Kirst, arquivo particular.

A presença provisória dos militares na área, trabalhando no conserto da ponte para liberar o acesso à BR-163, não permitiu que os garimpeiros ocupassem o acampamento. Os militares disseram aos garimpeiros que não poderiam ficar ali, porque aquilo era do exército. “Não fosse isso,

se casualmente esses militares não estivessem ali, provavelmente a cidade de Peixoto de Azevedo teria começado ali.”⁴² Era uma situação ideal para o começo do garimpo. Estava tudo pronto, na beira do rio, às margens da BR-163 e com um acampamento disponível.

Sendo assim, os garimpeiros foram deslocando pelas margens do rio Peixoto de Azevedo, foram em direção ao alto curso do rio, ocupando as margens, fazendo a varredura, tentando identificar material até chegar a um lugar mais afastado de onde os militares se encontravam. Após identificar áreas que tinham ouro de aluvião começaram a fixar os seus acampamentos, já que “ali, acharam muito ouro e foi batizado, pelos garimpeiros de “Baixão Velho”, que no caso foi o primeiro lugar que realmente deu muito, muito ouro.”⁴³

Segundo Miranda,⁴⁴ após o ciclo de ouro no período colonial no Brasil, a retomada das atividades garimpeiras se deu no final da década de 1970, podendo ser considerado um segundo ciclo da mineração. Os primeiros garimpos que surgiram na região norte de Mato Grosso se deram no início da década de 70, devido a notícias da descoberta de ouro às margens do rio Juruena em 1966, por garimpeiros oriundos de Tapajós, no sul do Pará. Destacando-se no final da década de 70 os municípios de Alta Floresta e Peixoto de Azevedo.

Com a descoberta do garimpo em Juruena, outros garimpos foram sendo descobertos: Novo Planeta (1978); Novo Satélite e Novo Astro, distantes 200 km de Juruena e 250 km de Alta Floresta; Jau, Zé Vermelho, Zé da Onça (1979). Esses últimos eram próximos a cidade de Alta Floresta e foram responsáveis diretos pela expansão dos garimpos no norte de Mato Grosso.⁴⁵ A região Norte mato grossense, portanto, compreende uma área produtora de ouro de aproximadamente 60.000 km². Abrangendo as cidades de Peixoto de Azevedo, Guarantã do Norte e Terra Nova do Norte. Municípios que estão num raio de 900 km a partir de Cuiabá.⁴⁶

No final de 1978, chegaram os primeiros garimpeiros oriundos de Itaituba e Santarém (PA), pela BR-163, para pesquisar ouro na região do rio Peixoto de Azevedo.⁴⁷ A abertura da BR-163 contribuiu muito para a descoberta do ouro e a atividade garimpeira na região norte de Mato Grosso. Fato que provocou o deslocamento de um grande fluxo de pessoas para essa região. No entanto,

⁴² PROFISSIONAL LIBERAL 1. [Relato Oral]. **Entrevista realizada pela autora, Cuiabá, 23/10/2020.**

⁴³ PROFISSIONAL LIBERAL 1. [Relato Oral]. **Entrevista realizada pela autora, Cuiabá, 23/10/2020.**

⁴⁴ MIRANDA, Jocy Gonçalo de. *A produção de ouro do Estado de Mato Grosso*. 1997. Dissertação (Mestrado em Geociências), Universidade de Campinas (UNICAMP), Campinas, SP, 1997.

⁴⁵ CORREA FILHO, Waldemar. **Projeto ouro e gemas** - Mato Grosso. 12º Distrito Regional do DNPM. Cuiabá: DNPM/CPRM, 1985. 48p. (Relatório Anual- inédito).

⁴⁶ MIRANDA, 1997.

⁴⁷ <https://acervo.socioambiental.org/taxonomy/term/19011> - Sinal vermelho para o garimpo ilegal de ouro. Editora UPAN, 1989.

percebemos que esses deslocamentos não se limitaram à colonização dirigida com as “frentes pioneiras”,⁴⁸ mas simultâneo a esse processo houve também uma movimentação espontânea, impulsionando as *frentes de expansão*, contrariando o que havia sido proposto pelas autoridades em termos de ocupação dos “espaços vazios”.

A partir dessa perspectiva, podemos refletir sobre a questão da expansão da fronteira agrícola no processo histórico de colonização recente no norte mato grossense por diferentes prismas. Esse movimento da fronteira, que constantemente o Governo Federal tentou direcionar e controlar através das políticas de colonização, também foi acompanhado de um movimento de expansão espontânea, de iguais proporções ou até maiores que o dirigido. Nesse sentido, há o movimento e o avanço para as fronteiras, das empresas de colonização, das grandes propriedades agropecuárias, mas também dos pequenos proprietários, dos posseiros e dos garimpeiros.⁴⁹

Para Normano,⁵⁰ o movimento da fronteira ocorreu devido à grande disponibilidade de terras no Brasil. No entanto, Foweraker⁵¹ contrapondo essa teoria, defende a ideia de que o movimento da fronteira está associado a demanda interna, ligada a economia nacional. Ou seja, ao rápido processo de industrialização no Brasil, a partir de 1930, bem como ao excedente de trabalho, sendo essenciais para mudar por completo o sentido de “fronteira em movimento”. Sendo assim, o movimento da fronteira deve ser analisado por nós, em detrimento das estruturas econômicas e sociais determinadas em nosso país e não por motivações individuais dos migrantes.⁵²

Sobre essa movimentação na fronteira, Guimarães Neto⁵³ nos leva a analisar e refletir sobre os motivos que levam as pessoas a migrarem. Para a autora, ninguém migra por migrar, se faz necessário, devido as grandes dificuldades vivenciadas, portanto, busca-se uma vida melhor.

Para Graziano⁵⁴ essa movimentação na fronteira acontece devia ao fechamento da fronteira. Martins⁵⁵, portanto se opõe argumentando que, para ele, as fronteiras agrícolas não estão fechadas.

⁴⁸ Sobre frentes pioneiras e frentes de expansão conferir MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. Cap. IV – O tempo da fronteira: retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira. São Paulo: Hucitec, 2009.

⁴⁹ CASTRO et al, 1994, p.34.

⁵⁰ Apud FOWERAKER, Joe; GOLDWASSER, Maria Júlia. **A luta pela terra: a economia política da fronteira pioneira no Brasil de 1930 aos dias atuais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

⁵¹ FOWERAKER, 1982.

⁵² CASTRO et al, 1994, p.35.

⁵³ GUIMARÃES NETO, 2002.

⁵⁴ GRAZIANO, José da Silva. **A modernização dolorosa: estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

⁵⁵ Apud Castro et al, 1994, p.37.

Sendo assim, mesmo quando a terra da fronteira esteja titulada, há um processo de ocupação que desrespeita ou até desconhece esse fechamento.⁵⁶

A partir de reflexões trazidas pelos autores sobre fronteira, entendemos que a expansão da fronteira em direção ao norte de Mato Grosso, não ocorreu somente com a implantação dos grandes projetos de colonização. Paralelo a esse universo, estiveram presentes posseiros e garimpeiros. Portanto, mesmo em áreas tituladas, esses limites foram ignorados e ocupados por agentes históricos que não faziam parte da colonização dirigida, ou seja, não eram agentes previstos nesse processo. No entanto, os garimpeiros, mesmo não podendo ficar à beira do Rio Peixoto de Azevedo, as margens da BR-163, devido à presença dos militares do 9º BEC, desceram o rio e encontraram outro lugar para tentar se instalar.

Os garimpeiros driblaram os grupos de interesses antagônicos e usaram estratégias que lhes possibilitaram o acesso à terra e o uso dela com o objetivo de bamburrar⁵⁷ e através disso, conseguir uma vida melhor.

O garimpo Baixão Velho foi descoberto em uma propriedade particular, em uma fazenda chamada Mãe de Deus de propriedade do senhor Osvaldo Branco.⁵⁸ Como o proprietário não morava na propriedade, ele deixou um peão para tomar conta da fazenda. Esse empregado ficava num canto da fazenda a mais ou menos 900 metros de distância da BR-163. Ele abriu uma picada para ter acesso à rodovia.⁵⁹

Com a notícia da descoberta do ouro, se iniciava um pequeno comércio. Chegava um caminhão vindo de Itaituba/PA, com mercadorias para abastecer aos garimpeiros. Como não tinha acesso ao Baixão Velho, esse caminhão ficava parado às margens da BR-163. Os garimpeiros, em busca de abastecimento, começaram a utilizar a picada feita pelo empregado da fazenda Mãe de Deus, para ter acesso à rodovia. Essa picada passou a ter um tráfego tão grande que, na medida em que foi passando o tempo, cada um que passava cortava um galho, uma árvore, que a picada foi se alargando, conforme relato:

No início, o dono do caminhão, que buscava mercadoria em Itaituba no Pará, para abastecer aos garimpeiros. Permanecia à beira da BR-163, na boca da “picada”, por aproximadamente uma semana até se esgotar as mercadorias. Com o tempo, o motorista do caminhão, fez o primeiro barraquinho na boca da “picada” e deixou uma pessoa responsável pela venda dos produtos, enquanto ele voltava para

⁵⁶ CASTRO et al, 1994, p. 37.

⁵⁷ Ficar rico inesperadamente, dar sorte de encontrar uma grande jazida de ouro.

⁵⁸ Essa fazenda privada com aproximadamente 200 hectares que ficava junto a outras fazendas adquiridas em 1966, formando uma área total de 47.880 hectares, em meio à área da União, com títulos expedidos pelo Estado de Mato Grosso. Assunto que trato em mais detalhes em minha tese de doutorado.

⁵⁹ Picada é um caminho na mata aberto por foice ou facão, para se chegar a um destino, até então, inacessível.

Itaituba para buscar mais mercadorias. Em um curto espaço de tempo, vários outros barraquinhos foram sendo instalados com função comercial, provocando uma invasão na área do projeto Terranova, próximo ao “feijão”.⁶⁰

Fato que contribuiu para a instalação de barracos à beira da BR-163, com a finalidade comercial, mais tarde sendo chamada de rua do Comércio.

A Coopercana ficou alarmada com tal situação e invasões dentro da área do Projeto Terranova e resolveu, tirar fotos do que estava acontecendo e entrar em contato com o Conselho de Segurança Nacional para informar sobre o surgimento do garimpo no período da chuva em área de sua concessão. O Conselho de Segurança Nacional tentou acalmar a cooperativa, dizendo que aquela região não era uma região que deveria ter garimpo de ouro, mas mesmo que houvesse, que assim que se esgotasse o metal, logo os garimpeiros partiriam.

Como o Conselho Nacional de Segurança e o INCRA, faziam visitas periódicas na área do Projeto Terranova para fiscalizar, por volta de setembro de 1979 foram *in loco* para verificar o andamento do projeto. O coronel que foi comunicado por rádio sobre o garimpo, logo que foi percebido pela Coopercana, estava presente nessa visita. Ao passar pela currutela que se iniciava em Peixoto de Azevedo, foi apontado a ele o garimpo com:

Luz, barulho, som de boate. Cheio de gente, cheio de mulher, cheio de prostituta pra lá e pra cá, um fervor, mas um fervor. E ele ficou apavorado e disse: Não é possível! Já tinha mais de 300 casas, não sei se foi setembro ou outubro daquele ano. Quando ele viu aquilo ali, ele disse: Olha Pedro, não tem mais o que fazer aqui. Isso aqui não se tira mais. Pode mudar o teu projeto que isso aqui...Isso aqui morreu.⁶¹

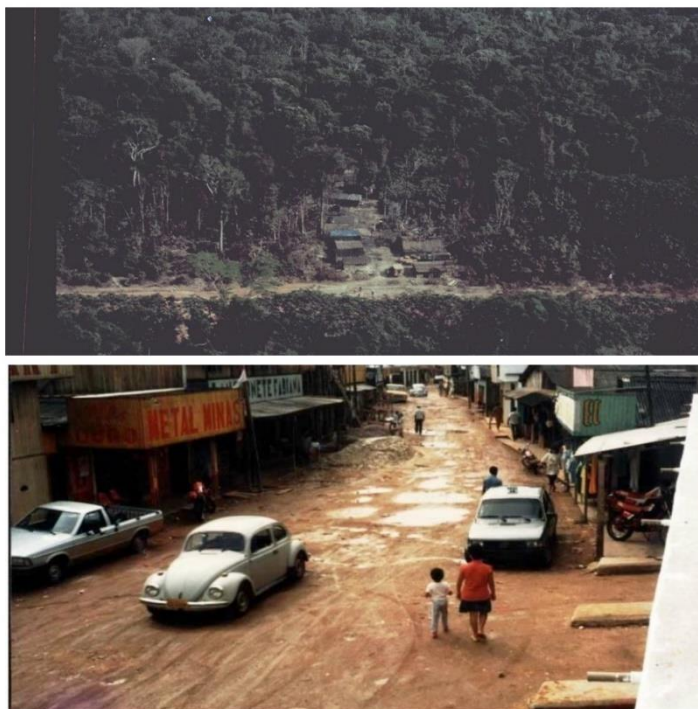
Em final de 1979 já havia mais de 300 casas, muita gente. A ocupação foi muito rápida. Esse fato provocou a chamada “fofoca” do ouro. A notícia se espalhou rapidamente, atraindo milhares de garimpeiros, principalmente da região de Itaituba/PA. Em pouco tempo esses poucos barracos próximos ao “feijão” se multiplicaram e desse pequeno aglomerado nasceu a chamada Rua do Comércio e depois a currutela⁶² de Peixoto de Azevedo, que futuramente tornou-se município. Conforme Figura 8

⁶⁰ PROFISSIONAL LIBERAL 1. [Relato Oral]. **Entrevista realizada pela autora, Cuiabá, 23/10/2020.**

⁶¹ Idem.

⁶² Trata-se de pequenos aglomerados populacionais, normalmente isolados de uma cidade. Criados para dar apoio às atividades efêmeras, como o extrativismo vegetal, animal e mineral e a atividade agrícola de subsistência. Suas funções principais eram de comércio e de serviços, sobretudo, para atendimento básico.

Figura 8 – Rua do Comércio em Peixoto de Azevedo (1979 e 1984)

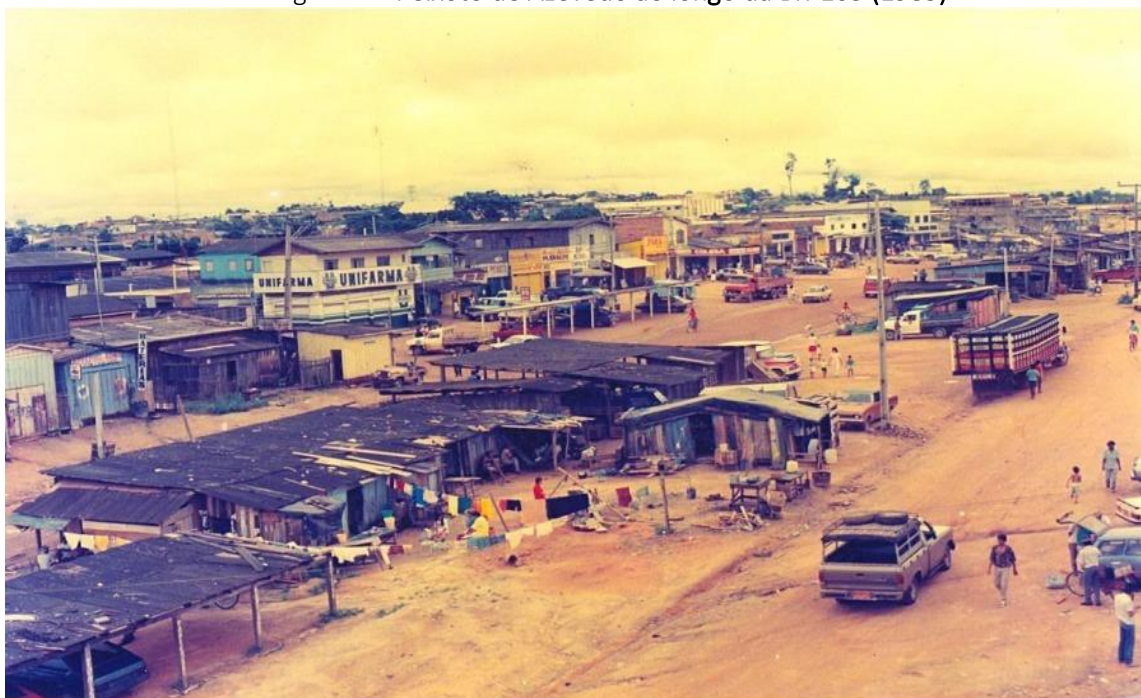


Fonte: Vargas Delusor Pontes, arquivo particular.

A migração para Peixoto de Azevedo foi muito rápida. Além dos muitos garimpeiros vindos do estado do Pará, a expulsão de garimpeiros da região de Alta Floresta pela colonizadora Indeco⁶³ também foi um fator que contribuiu para o aumento populacional de Peixoto de Azevedo. Em 1985 a currutela já havia se expandido muito e o comércio foi se instalando ao longo da BR-163. Conforme figura 9.

⁶³ Para obter mais informações sobre a expulsão dos garimpeiros de Paranaíta conferir RIBEIRO, José Donizete. *Terra e garimpos: um estudo da violência na consolidação do espaço da colonização. Alta Floresta-MT (1978-1983)*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá/MT, 2001.

Figura 9 – Peixoto de Azevedo ao longo da BR-163 (1985)



Fonte: Vargas Delusor Pontes, arquivo particular.

A emancipação político e administrativo de Peixoto de Azevedo ocorreu no dia 13 de maio de 1986 através da Lei nº 4.999, promulgado pelo então governador do estado da época Júlio José de Campos. A implantação do município ocorreu no dia 1º de janeiro de 1987, tomando posse o primeiro prefeito Leonísio Lemos Melo Júnior, junto com a primeira Câmara de Vereadores eleitos.⁶⁴

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo se propôs a buscar resposta para a seguinte questão: a descoberta do garimpo em espaço destinado à colonização trouxe implicações para o Projeto Terranova? Através da nossa pesquisa o resultado foi que houve implicações. Houve perda do espaço de colonização que seria usado para a construção do núcleo urbano de Terranova e o “nascimento” da cidade de Peixoto de Azevedo. A princípio o Conselho de Segurança Nacional disse que assim que o ouro acabasse as pessoas iriam embora e o espaço seria desocupado. A colonizadora achando que mesmo que isso ocorresse poderia ser um processo demorado, resolveu mudar seu projeto urbano para o entroncamento da J-1 (atual MT-208) com a BR-163, onde é atualmente a cidade de Terra Nova do

⁶⁴ <https://www.peixotodeazevedo.mt.gov.br/Nossa-Cidade/Historia-do-Municipio/>

Norte e quando o espaço do garimpo fosse liberado, a Coopercana iria implantar a 7ª agrovila no local. No entanto, como o garimpo não parou, as agrovilas planejadas foram deslocadas para outras áreas. Portanto, o espaço planejado para ser o centro urbano de Terranova, transformou-se depois nas cidades de Peixoto de Azevedo e Matupá.

A partir dessa perspectiva entendemos que o espaço amazônico não serviu só aos propósitos dos projetos de colonização e à migração dirigida. Esse espaço também foi palco de migrações espontâneas. Mesmo em um período de Ditadura Militar, onde o controle sobre a população era muito rígido, os garimpeiros ignorando esse controle criaram estratégias para entrar nas terras da Amazônia.

Com o surgimento do garimpo em áreas destinadas à colonização, muitos confrontos foram travados entre colonizadoras e garimpeiros e o uso da violência foi o método mais usado contra os garimpeiros, como foi o caso dos garimpos em área da Indeco em Alta Floresta/MT.⁶⁵ Isso porque esse grupo social além de ter projetos de exploração da terra antagônicos aos dos colonizadores, não “se enquadravam nas regras de subserviência, controle e comercialização, previstas pelos empreendimentos comerciais ali instalados.”⁶⁶ Apesar de indesejáveis nas áreas de colonização, os garimpeiros, em sua maioria homens e mulheres pobres que viam no garimpo a possibilidade de uma vida melhor, teimosamente entraram e se instalaram.

⁶⁵ Sobre a violência praticada contra os garimpeiros podemos citar como exemplo o caso da expulsão dos garimpeiros da região de Alta Floresta pela colonizadora Indeco. Conferir RIBEIRO, 2001.

⁶⁶ JOANONI NETO, Vitale. **Fronteiras da Crença: Ocupação do Norte de Mato Grosso após 1970**. Cuiabá: Carlini E Caniato Editorial; EdUFMT – Editora da Universidade Federal de Mato Grosso, 2007, p.16.